

O feminino e a dor: uma investigação semiótica de trabalhos artísticos de Nazareth Pacheco que tematizam a automutilação.

Renata Silva Souza | renatynhass@hotmail.com Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo – USP.

Resumo

Propomo-nos neste ensaio realizar uma análise semiótico-pragmaticista acerca do fenômeno de representação da dor através de obras de arte como aquelas desenvolvidas por Nazareth Pacheco. Refletir acerca de representações da dor, bem como de suas possíveis caracterizações, remete-nos a discussões bastante antigas, como aquelas travadas por filósofos da Grécia Antiga. Também a caracterização de feminino apresenta-se entremeada de complexas discussões – como aquelas pertinentes à noção de gênero. A escolha pela artista em questão se dá em virtude de possibilidades de amplificação do conceito de ‘mutilação’ que a artista em questão parece suscitar e amplificar com suas obras de arte. Além disso, por se tratar de um trabalho autobiográfico, as obras de Pacheco também suscitam questões de fundamental interesse acerca das pragmáticas entre indivíduo e sociedade, questões essas que, segundo nossa proposta, podem ser analisadas através da perspectiva pragmaticista de Charles Sanders Peirce.

Palavras-Chave: Semiótica; Pragmatismo; Nazareth Pacheco; Automutilação.

Abstract

We propose in this essay to carry out a semiotic-pragmatic analysis about the phenomenon of pain representation through works of art such as those developed by Nazareth Pacheco. Reflecting on representations of pain, as well as their possible characterizations, leads us to very old discussions, such as those performed by ancient Greek philosophers. Also the characterization of feminine is interwoven with complex discussions - such as those pertinent to the notion of gender. The choice of the artist in question is due to possibilities of amplifying the concept of 'mutilation' that the artist in question seems to raise and amplify with her works of art. Furthermore, since it is an autobiographical work, Pacheco's works also raise questions of fundamental interest

about the pragmatics between individual and society, which, according to our proposal, can be analyzed through the pragmatic perspective of Charles Sanders Peirce.

Keywords: Semiotics; Pragmatism; Nazareth Pacheco; Self-cutting.

Entre arte e vida: uma investigação multidisciplinar da automutilação

Representações imagéticas da dor são bastante antigas na história da civilização ocidental. Como bem ressaltado por Sontag (2003), tais representações remetem aos antigos gregos, através de relatos literários ou filosóficos, bem como através de pinturas e fotografias realizadas nas grandes guerras como a guerra Civil Americana, a primeira Guerra Mundial, a guerra Civil Espanhola, o atentado às torres gêmeas, dentre outros eventos de notável importância histórico-social no Ocidente. Consideramos que seja possível pensar que documentos imagéticos de guerras parecem suscitar o imbricamento de diversas camadas da representação da dor, tais como, por exemplo, as dimensões psicológica, biológica e sociocultural.

Em face da possibilidade que a fotografia inaugura, de representar a dor de outros povos distantes através de imagens, Sontag (2003) indaga se elas desempenhariam um papel importante na sensibilização daquele que tem acesso a tais imagens que retratam situações de fragilidade e desamparo humano em face do horror. Dito de outro modo, Sontag (2003) levanta uma questão de natureza ética trazida pela imagem: de que maneira a experiência de contemplação imagética da dor, vivida por uma dada coletividade (ou individualidade), poderia afetar a conduta daqueles que venham experienciá-la?

As indagações supracitadas de Sontag (2003) nos remetem às relações que Peirce estabelece entre estética e ética, trabalhadas nas Ciências Normativas, em que o mesmo (CP.1.281) procurou elucidar diferenças fundamentais entre aquilo que motiva a nossa ação, com os ideais de conduta a ela atrelados. Será a partir de um referencial teórico fundamentado no pragmatismo¹ e na semiótica peirciana que investigaremos as seguintes

¹ Peirce (CP, 5.411) considera que o pragmatismo consiste em uma teoria segundo a qual “[...] uma concepção, isto é, o significado racional de uma palavra ou outra expressão, reside exclusivamente em sua influência concebível sobre a conduta da vida”. Peirce (CP 8.201)¹ afirmará que a definição de pragmatismo pode ser apreciada a partir da formulação de sua máxima pragmática. Em linhas gerais, a máxima pragmatista peirciana considera as consequências concebíveis sobre a conduta ocasionadas pela concepção que se tem de um dado objeto.

“The original definition of pragmatism put it into this form of maxim: 'Consider what effects that might conceivably have practical bearings you conceive the object of your conception to have. Then, your conception of those effects is THE WHOLE of your conception of the object’”. (CP 8.201).

questões: o que motiva a conduta de autorrepresentação imagética de automutilação realizada por jovens mulheres? Quais seriam os desdobramentos éticos e estéticos de tais representações? Iniciamos o conjunto de reflexões ora enunciado com o entrelaçamento proposto por Peirce, nas Ciências Normativas, entre estética, ética e lógica.

A fim de pensarmos as relações que uma experiência estética proporciona, acreditamos ser lícito afirmar que a contemplação de uma fotografia pode nos convidar a uma conduta ética, passível de se explicitar, inclusive, na revisitação de alguns de nossos hábitos de conduta mais enraizados, bem como na reconsideração de ideais por eles veiculados. O entrelaçamento entre estética, ética e lógica, no trabalho de Peirce, pode ser lido, de forma elucidativa, através da seguinte explicitação de Santaella (2018, p.2):

Que ideais guiam nossos sentimentos? Responder a essa questão é tarefa da estética. Que ideais orientam nossa conduta? Essa é a tarefa da ética. A lógica, por fim, estuda os ideais e as normas que conduzem o pensamento.

A passagem acima nos lembra que a nossa conduta é guiada por ideais, ainda que não possamos nos dar conta, claramente, disso. Alguns ideais obedecem a valores mais ou menos restritivos em relação à busca do bem comum, que é categorizado por Peirce como um ideal ‘admirável’, que ultrapassaria a esfera estritamente humana, englobando outros seres, bem como outras formas de vida que compõem o complexo sistema do Planeta Terra. Nessa mesma direção de leitura do trabalho peirciano, Parker (2003) enfatiza ainda que:

A Estética é a ciência dos ideais; seu propósito é formular um conceito do *summum bonum*, aquilo que é admirável por si mesmo. A segunda ciência normativa é a prática, a investigação na natureza da ação certa e errada. A última das ciências normativas é a lógica, ou semiótica, que investiga os princípios da representação da verdade.

Seguindo a linha argumentativa supracitada, com base nas Ciências normativas peircianas, entendemos que a conduta que se baliza em direção à realização de registros imagéticos da dor infligida a si próprio, como o caso da automutilação, possui, em seu cerne, um ideal, ou conjunto de ideias, a ela subjacentes. De igual maneira, podemos pensar que mulheres que se automutilam são guiadas, também, por um ideal de conduta – ou ideais de conduta – responsável pelo balizamento de tal injúria que as mesmas infligem aos próprios corpos. Em princípio, podemos conjecturar que há uma dimensão

estética de afirmação de suas respectivas identidades evidenciada em sua autorrepresentação imagética de corpos mutilados, e também uma dimensão ética, presente nos efeitos possíveis gerados por tal conduta nos âmbitos individual e coletivo.

As relações estabelecidas entre Ciências Normativas como uma forma de fundamentação teórica que nos auxilie a entender tal problemática parece fértil. No entanto, tal aparato teórico parece não esgotar as inúmeras variáveis e contingências subjacentes a esse fenômeno. Sabendo das limitações de tais intentos, propomos, como ponto de partida para a análise da temática proposta, a seguinte indagação: quais são os possíveis fatores (ou ideais) envolvidos na prática de automutilação? Conscientes do estreito espaço de que dispomos para este ensaio, sabemos que não há condições de esgotar a resposta para a referida indagação. Por esse motivo, limitar-nos-emos a investigar, ainda que brevemente, possíveis *insights*, acerca da temática abordada, que trabalhos artísticos como os de Nazareth Pacheco - artista plástica paulistana - podem nos oferecer como pistas do encaminhamento da problemática apresentada, trabalhos esses que, vale salientar, tratam da questão do corpo feminino e do complexo contexto que possivelmente molda certos ideais de conduta acerca da forma como as mulheres experienciam e lidam com os seus próprios corpos.

Em 1997, Pacheco começa a experimentar em sua produção artística novos tipos de materiais “[...] como lâminas de bisturi e de barbear, agulhas de sutura e anzóis, associando-os a cristais, miçangas, canutilhos etc. -, realizando os primeiros colares.” (Barros, 2019). No mesmo ano, a artista também produziu os primeiros vestidos, confeccionados com o mesmo material. Tanto os luxuosos vestidos como os colares realizados por Pacheco, são ornamentos que remetem ao universo feminino, e se valem, no trabalho da artista, não apenas do encanto e das cores produzidas pelo cristal e miçangas, como também pelo espanto da combinação de tais materiais reluzentes com lâminas de barbear, o que torna tais ornamentos impossíveis para o uso.

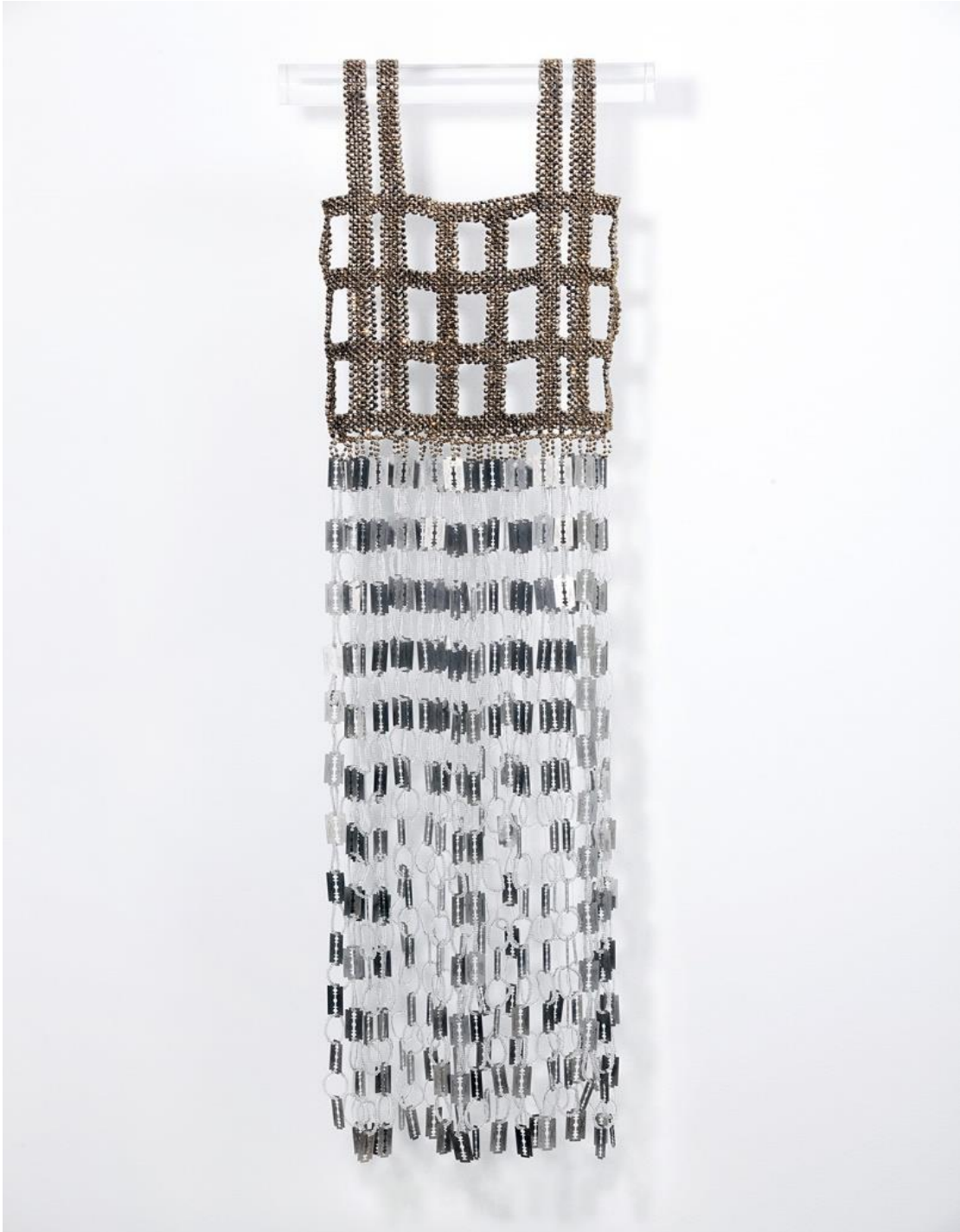
A presença ubíqua em seus trabalhos das lâminas torna presentificada, embora não atualizada, a dimensão potencialmente cortante de tais aparatos que são tidos, em virtude da beleza das peças, como objetos perigosos de desejo. O deslumbramento das peças atíca a posse dos mesmos, no entanto, como bem ressaltado por Pacheco em seus trabalhos, a posse - e uso - de tais aparatos não se faria ileisa.

Entendemos que o conjunto de trabalhos realizados por Pacheco, com indumentárias e ornamentos, aludem aos universos femininos em par com o universo da tortura, da dor, da perfuração e da fissura potencial que tais peças apresentam, em decorrência da presença das cortantes lâminas, agulhas e mesmo anzóis, nelas presentes. Acerca desses aspectos da obra de Pacheco, dos Anjos (2019, p. 119) acrescenta que:

Visualmente atraentes em brilho e forma, são incapazes de adornar algum corpo sem abrir feridas, tornando-se por isso depositários de lembranças de dores sentidas em outros momentos. Atando o que se aparenta oposto, esses objetos estranhos se transformam em elo simbólico entre o prazer de acomodar-se a parâmetros convencionados como de normalidade física e a dor que se origina de qualquer violação do corpo como nascido.

Para apreciação de alguns de seus trabalhos, trouxemos duas imagens de sua produção artística:

FIGURA I:



Sem título, 2010. cristal, miçanga, lâmina de barbear e acrílico. 140 x 40 x 10 cm

Fonte: <https://murilocastro.com.br/nazareth-pacheco-2/>

FIGURA II:



Colar Cristal e Agulhas 25 x 25 cm, 2010.

Fonte: <https://murilocastro.com.br/nazareth-pacheco-2/>

A tematização da dor, do corte e do ferimento do corpo feminino é trabalhada de forma a amplificar, em nosso entendimento, a noção de mutilação que supostamente se limitaria a evidentes condutas de autoflagelação com objetos cortantes, aludindo, assim, para as dimensões metafóricas e literais da mutilação que se dá em outras dimensões. Como exemplo, podemos pensar as cirurgias estéticas, o padrão de beleza social infligido às mulheres, bem como a necessária submissão e dor para assim alcançá-lo.

Vale lembrar que os temas da dor, mutilação e padrões estéticos presentes no trabalho de Pacheco são desenvolvidos muito antes dessas peças cortantes, através de registros que a artista coletou da construção de sua relação com o próprio corpo que, conforme enfatizado por Mesquita (2019, p, 112), em decorrência de:

[...] problemas de formação congênitos, a artista passou por 16 cirurgias plásticas reparadoras e modeladoras para ter sua aparência atual. Os testemunhos deste longo processo – fotos, radiografias, pinos metálicos, receitas, relatórios médicos, seringas, formas e moldes – foram colecionados como um diário, memória desta experiência. Eles são o registro que constituem a história da construção do corpo da artista.

Retornando à temática que unifica as discussões ora apresentadas ao arcabouço teórico do pragmatismo peirciano, lembramos que autores como Colapietro (2014) pensaram a dimensão desempenhada pelo indivíduo no amplo sistema teórico subjacente à semiótica e pragmatismo peirciano, bem como a relação do indivíduo com o sistema no qual ele está inserido. Em uma interessante reflexão, que, cremos, auxiliará o encaminhamento da problemática aqui proposta, Colapietro (2014, p. 79) dirá que: “O sujeito é, entre outras coisas, um meio através do qual forças e pessoas, outras que não o sujeito, falam.”

Dito de outro modo, Colapietro (2014) aponta para a importância das condições externas formadoras do indivíduo, e como a expressão de um único indivíduo expressa, de forma bastante contundente, elementos qualitativos significativos do sistema de interações no qual o mesmo está inserido.

Nesse sentido, poderíamos pensar que o encaminhamento da questão principal deste trabalho se dê de forma adequada se buscarmos em outras áreas do conhecimento elementos que nos auxiliem no entendimento de variáveis possíveis que entremeiam os fenômenos de automutilação, esse é o caso da arte, como já introduzimos a partir dos trabalhos de Pacheco, e também da antropologia. Talvez estejamos em uma linha limítrofe entre arte e antropologia, na busca de elementos possíveis de nos auxiliar no entendimento de tais fenômenos.

Pensando em uma abordagem pragmaticista, na qual expressões e condutas de determinado indivíduo indicializam elementos qualitativos das relações sociais estabelecidas em um contexto interativo, poderíamos, na esteira de Le Breton (2017), entender tais fenômenos na chave dos ritos de passagem. Além da dimensão ética subjacentes a tais ritos, que englobam interações sociais, imersão do indivíduo em dada comunidade, efeitos de sua conduta em uma coletividade, dentre outros, tais ritos também apontam para uma dimensão estética, ao indicar elementos qualitativos da conduta evidenciados em cortes potenciais (metafóricos) e/ou literais;

De acordo com Le Breton (2017, p. 28):

O rito de passagem é uma cirurgia do sentido, uma transformação do corpo para mudar a existência utilizando a dor como vetor de metamorfose pessoal, e as marcas como signos de um novo status [...] A dor é um agente de metamorfose que precipita a mutação ontológica, a passagem de um a outro universo social, perturbando a antiga relação com o mundo.

A partir da passagem supracitada, de acordo com as categorias fenomenológicas de Peirce (primeiridade, segundidade e terceiridade²), podemos pensar na dimensão de terceiridade envolvida em fenômenos de automutilação, pois indicam, conforme Colapietro enfatiza - conforme já explicitado -, “[...] um meio através do qual forças e pessoas, outras que não o sujeito, falam”. Dito de outra forma: ainda que cada indivíduo possua singularidades muito próprias e distintas, há elementos de sua constituição e pensamento que indicam algo que é próprio a um ideal de conduta coletivamente estabelecido e perseguido.

É interessante pensarmos como tais ideais de conduta, originariamente presentes em sociedades tradicionais, retornam na contemporaneidade através de uma nova roupagem. Pensemos, por exemplo, nos fenômenos de automutilação representados nas redes sociais digitais. Conforme nos é apresentado por Le Breton (2017), o mesmo entende tais fenômenos como uma retomada dos ritos de passagem no qual, ao contrário das sociedades tradicionais, o indivíduo encontra-se em interação, através da mediação das telas, com seus pares, ritualizando uma passagem que causará dor a si próprio, e mesmo riscos iminentes para a sua própria integridade física.

Conforme explicitado por Le Breton (2017), em sociedades tradicionais os ritos de passagens proporcionam, através da condução dos mais velhos e experimentados da comunidade, a integração dos jovens nas relações sociais da localidade na qual o mesmo está inserido. Há uma transformação significativa em se tratando dos ritos de passagem de outrora inseridos em sociedades informatizadas. No entanto, malgrado as diferenças trazidas por ambas as sociedades, parece que o ideal, por ambas perseguido, permanece o mesmo, a saber: o ideal de transformação e da dor como vetor de transformação do indivíduo e, conseqüentemente, das relações sociais das quais participa.

Pensando em uma análise semiótica embrionária de tais relações, poderíamos conjecturar que o corpo autoimolado representado nas redes sociais pode ser tido como um meio de comunicação que medeia ideias e ideais a serem (individual e coletivamente) buscados e alcançados. Nesse sentido, a representação fotográfica do corpo autoimolado

² Conforme ensina Ibrri (2020, p.138): “O primeiro [universo da experiência] evidencia as meras qualidades na sua diversidade; o segundo, a existência das coisas na sua particularidade e o terceiro, aquele aspecto de ordenação, permanência e regularidade das qualidades nas coisas, mediante a relação entre os dois outros universos”.

pode ser caracterizada enquanto um signo que carrega ideais complexos acerca da interioridade do indivíduo, ou seja, a forma com a qual o mesmo incorpora normas e regras sociais, e o modo com o qual tal incorporação de ideais se expressa em sua conduta.

A representação do corpo, tida como signo imagético, está no lugar de objetos complexos, socialmente situados e incorporados na conduta do indivíduo. Acerca da questão do objeto, que é representado pelo signo, Peirce afirmará que (CP. 4. 536):

[...] temos que distinguir o Objeto Imediato, que é o Objeto como o próprio Signo o representa, e cujo Ser é, portanto, dependente da Representação dele no Signo, do Objeto Dinâmico, que é a Realidade que por alguns meios concebe para determinar o sinal para sua representação. No que diz respeito ao Interpretante, devemos igualmente distinguir, em primeiro lugar, o Interpretante Imediato, que é o interpretante conforme é revelado na compreensão correta do próprio signo, e é comumente chamado de significado do signo; enquanto, em segundo lugar, devemos observar o Interpretante Dinâmico, que é o efeito real que o Signo, como Signo, realmente determina. Por fim, há o que denomino provisoriamente de Interpretante Final, que se refere à maneira como o Signo tende a se representar para estar relacionado ao seu Objeto.

De acordo com a linha argumentativa do pensador supracitado, objeto imediato é a forma pela qual o objeto dinâmico é representado no signo, representação essa que pode capturar diversas facetas do objeto dinâmico representado, mas que, no entanto, não esgotaria a complexidade do objeto externo à representação.

Entendemos que seja lícito considerar que os objetos dinâmicos representados através da automutilação feminina, em uma análise preliminar, são difusos e diversos. Conforme explicitado pelos trabalhos de Pacheco, vimos que a noção de mutilação pode ser expandida à medida que permite, em nosso entendimento, contemplar cirurgias de ‘correção’ estética, bem como de práticas corporais que metaforizam a busca pelo ideal de padronização de beleza, seja com corpos magros, ou mesmo a sujeição a outros tipos de intervenções cirúrgicas que, ao perfurar, cortar, modificar e manipular o corpo feminino, apresentem-nas com novos formatos de corpos supostamente almejados.

Na esteira da explicação peirciana, que explicita a lógica triádica subjacente ao signo, que é determinado por um objeto, representando-o e gerando interpretantes (ou efeitos do signo), em mentes potenciais ou reais, entendemos que é possível pensar a representação do corpo mutilado – bem como as próprias marcas produzidas pelo corte no corpo em questão - como um signo. O signo de um corpo mutilado está no lugar de seu objeto dinâmico diversificado, que pode ser caracterizado como o desejo coletivo de

enquadrar o corpo em determinado padrão de beleza; também poderíamos conjecturar que a mutilação do corpo feminino se dá em um contexto em que as pessoas são privadas de uma experiência corporal colateral mais rica, o que é intensificado nos ambientes de mediação através de Tecnologias de comunicação e Informação.

O signo do corpo mutilado, o qual carrega ideias de seu objeto dinâmico, produzirá efeitos na mente daqueles que tomarem contato com tal representação. Os efeitos do signo podem ser considerados de duas formas: a partir de seus efeitos potenciais (interpretante imediato), e dos efeitos reais (interpretante dinâmico), produzido nas mentes daqueles que entrarem em contato com tal representação imagética. É importante salientar que, além dos efeitos que tal signo pode produzir na mente de outras pessoas, o próprio indivíduo, produtor da imagem, sofrerá os efeitos de tal representação, ou, dito de outro modo, a produção de interpretantes gerados pelo signo por ele próprio fabricado.

Não sabemos, com exatidão, quais efeitos os signos podem gerar, pois embora haja certa objetividade do signo no que diz respeito às suas possibilidades interpretativas (interpretante imediato), tais efeitos dependem do repertório de cada um, e também de diferentes grupos sociais, o que, de igual maneira, envolve a questão do repertório e dos ideais perseguidos pelos mesmos.

Considerações Finais

Iniciamos o presente ensaio introduzindo a problemática do fenômeno de mutilação e da representação de situações de dor no Ocidente. A temática da dor, como vimos, relaciona-se ao problema proposto, que diz respeito a entender os motivos pelos quais jovens mulheres automutilam seus corpos e os representam através de imagens que indicializam signos da dor.

Sugerimos que o pragmatismo e a semiótica peirciana possivelmente nos auxiliariam a elucidar a problemática proposta. Apresentamos, de forma abreviada, as relações entre estética ética e lógica (ou semiótica), subjacentes às ciências normativas propostas por Peirce. Vimos que, em conformidade com as afirmações de Peirce, o que move nossas condutas são ideais mais ou menos gerais que perseguimos, ainda que eles não sejam explicitamente claros e reconhecíveis para nós, e ainda que não os tomemos como algo que realmente almejamos e perseguimos.

Assim, pode-se dizer que não se atribui importância aos ditames sociais de padrões de beleza, mas a conduta pode mostrar que, na verdade, tais ideais são perseguidos arduamente, a qualquer preço. Isso indicaria que, ao contrário do que se diz – ou seja, não se importar com os padrões de beleza –, o indivíduo na verdade se preocupa, e age de forma a atingir tal ideal. Em termos do pragmatismo peirciano, podemos considerar que o significado de um conceito pode ser verificado nos efeitos produzidos por determinada conduta, sobretudo se tal conduta apresentar regularidade e permanência no tempo.

Através da análise dos trabalhos de Pacheco, com as suas peças de indumentárias femininas e colares feitos com objetos cortantes como agulhas, lâminas, dentre outros, vimos que a noção de mutilação é muito mais ampla do que o corte autoinfligido, podendo estar presente, de igual maneira, em práticas mais amplas como cirurgias de correção estética, bem como em uma espécie de metáfora da mutilação que se dá em decorrência de privações corporais às quais o indivíduo se submete de forma a ser aceito por determinado grupo social do qual participa.

Vimos, através da reflexão de Colapietro, que o indivíduo é uma espécie de estado discreto de um todo maior do qual ele participa. Um indivíduo incorpora desejos e anseios de uma dada comunidade, bem como é formado pelo contexto de interações do qual interage. A sua ação no mundo mostra, de determinada forma, o modo pelo qual ele incorporou e interpretou as regras e normas subjacentes a contextos sociais dos quais se integra. Através do auxílio de tal reflexão, também entendemos ser possível estabelecer relações entre pragmatismo, arte e antropologia, dada a explicitação intentada por esta última acerca de padrões sociais amplamente compartilhados por determinados grupos, padrões esses que, vale ressaltar, reverberam na forma com a qual determinado indivíduo agirá. Na esteira de Le Breton, apresentamos a hipótese segundo a qual fenômenos de automutilação podem ser lidos na chave de ritos de passagem que, através de situações de dor, metamorfoseiam o corpo daqueles que submetem a tais práticas, bem como pode transformar as relações sociais das quais participam.

Finalizamos a proposta ora apresentada indicando possíveis correlações de áreas como arte e antropologia, bem como seu potencial no desenvolvimento de uma leitura semiótica e pragmaticista dos fenômenos de automutilação, indicando que, quanto mais temos acesso às variáveis envolvidas na construção do imaginário de sociedades precedentes até as atuais, mais o potencial pragmático-semiótico se enriquece, em

decorrência do aumento de complexidade de elementos sobre o qual tal análise poderá operar.

Por fim, indicamos a necessidade de aprofundamento acerca dos fenômenos de automutilação e autorrepresentação de jovens mulheres na contemporaneidade, apontando para a riqueza de buscas de outras áreas do saber de forma a enriquecer e a clarificar a leitura de tais fenômenos.

Referências

BARROS, R. Cronologia. In: BARROS, R (org.). *Nazareth Pacheco*. São Paulo: Allucci e Associados, 2019.

dos ANJOS, M. O corpo em construção. In: BARROS, R (org.). *Nazareth Pacheco*. São Paulo: Allucci e Associados, 2019.

COLAPIETRO, V. *Peirce e a abordagem do Self: uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana*. São Paulo: Intermeios, 2014.

IBRI, I. A Exclusividade Heurística da Abdução na Filosofia de Peirce. *Semiótica e Pragmatismo: interfaces teóricas: vol.1*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, FiloCzar, 2020.

Le BRETON, D. *Uma breve história da adolescência*. Tradução de Andréa Maris Campos Guerra et al. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

MESQUITA, I. O corpo em construção. In: BARROS, R (org.). *Nazareth Pacheco*. São Paulo: Allucci e Associados, 2019.

PARKER, K. Reconstruindo as Ciências Normativas. *Cognitio*. Tradução de Sofia Isabel Lucas Machado. Volume 4, número 1, Janeiro, 2003.

PEIRCE, C. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Charlottesville: Intelelex Corporation; Cambridge: Harvard University, 1958.

SANTAELLA, L. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2018.

SONTAG, S. *Diante da dor dos outros*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.